

# **A RACIONALIDADE SENSÍVEL COMO INTERSECÇÃO DE DUAS FENOMENOLOGIAS**

*Prof. Me. Ursula Rosa da Silva\**

O movimento que se realiza nas fenomenologias de Edmund Husserl e de Maurice Merleau-Ponty, em função do processo de conhecimento, parece conter um problema semelhante: como se dá e o que é a experiência do sujeito no mundo. Levanta-se a possibilidade de um questionamento aproximativo das duas fenomenologias, através da hipótese da racionalidade sensível. Além disso, acompanhando este jogo de aproximação, procurar-se-á elucidar que estes movimentos evoluem em direções opostas, a partir mesmo desta intersecção existente entre ambas.

Impõe-se, portanto, como necessidade, apresentar o que é a racionalidade sensível e em que sentido as fenomenologias evoluem em rumos opostos.

Partamos, primeiramente, do segundo ponto: as vias opostas das fenomenologias de Husserl e Merleau-Ponty.

A filosofia de Husserl desenvolveu-se em virtude da fundamentação de seu método, qual seja, o da descrição das essências na atitude fenomenológica. Tendo por base atingir uma rigorosidade no processo de conhecer, a filosofia husserliana apresenta, ao meu ver, um direcionamento que parte de um momento categorial - toda a evolução até a purificação das vivências do Cogito, com vistas a atingir a objetividade possível -, chegando, em sua última fase, a perceber a necessidade de

---

\* Professora do ILA/UFPel. Doutoranda em História na PUC/RS.

caracterizar o mundo da vida (Lebenswelt) mais voltado ao sujeito concreto, este denominável de momento pré-categorial.

A fenomenologia de Merleau-Ponty, por sua vez, ao contrário, pretende mostrar o pré-categorial, como momento anterior a qualquer tematização, passando por duas etapas: a fenomenologia-existencial e a ontológica. A primeira surge da interpretação do que Husserl chamou de mundo da vida. Merleau-Ponty situa o sujeito no mundo da vida, concreto existencial, dando corpo à consciência. Este sujeito seria a consciência encarnada, tendo o corpo próprio como meio para a experiência perceptiva. A segunda etapa do pré-categorial, que caracteriza a análise de Merleau-Ponty, é a fase ontológica. Esta surge dos impasses da consciência encarnada que apresenta a ambigüidade do caráter simultâneo de sujeito e objeto.

## **O Categorial em Husserl**

A volta ao fenômeno mesmo, em Husserl, propunha uma atitude crítica ao método científico praticado pelo naturalismo, no sentido de que, ao reduzir o homem e o mundo ao âmbito dos fatos, este tipo de conhecer esqueceu da subjetividade. A fenomenologia estabelece a descrição, a intencionalidade, o mundo das vivências, a busca pela essência dos fenômenos como noções que, mais que fundamentar uma ciência, pretendem estabelecer um método no qual todo o conhecimento se construa em relação à subjetividade.

Seguindo o caminho cartesiano, em busca do método certo para esta ciência matriz de todas as outras - a fenomenologia -, Husserl pretendeu chegar à essência dos fenômenos. Descartes descobre o Cogito como sujeito do conhecimento, deixando em suspenso a existência do mundo. No entanto, o limite de Descartes

estava em seu ideal de fundamentar, a partir de critérios da ciência geométrica, a filosofia como ciência universal, atingindo a certeza absoluta do Eu.

O ideal da ciência é a evidência absoluta. Como a experiência do mundo não é algo acabado e exato, pois é fornecida pela experiência sensível que propicia as aparências do mundo, Husserl não quer tirar a objetividade do mundo, mas da vida pura do sujeito, do conjunto dos fenômenos presentes na consciência. Por isso, não será necessário prescindir da existência do mundo, apenas suspendê-la. O momento categorial, na fenomenologia de Husserl, caracteriza-se pela busca constante da possibilidade da objetividade, considerando as vivências do sujeito:

*“O que nas minhas ‘Investigações Lógicas’ se designava como fenomenologia psicológica descritiva concerne à simples esfera das vivências, seguindo o seu conteúdo incluso. As vivências são vivências do eu que vive, e nessa medida referem-se empiricamente às objetividades da natureza. Mas, para uma fenomenologia que pretende ser gnoseológica, para uma doutrina da essência do conhecimento (a priori), fica desligada a referência empírica. Surge, assim, uma fenomenologia transcendental.” 1*

O conceito de experiência, em Husserl, dista do conceito tradicional, isto é, a experiência tida como fato circunscrito na atitude natural. Essa experiência não possui a característica de originalidade e apoditicidade da experiência que Husserl busca para converter em base do saber rigoroso. A contingência do sujeito no mundo não pode ser constituída, fundamentada em uma ordem necessária. O mundo não proporciona

---

1 HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**, São Paulo: Edições 70, 1986, introdução.

a experiência absoluta, por isso prescindir dele pela *epoché* (redução). A experiência que Husserl pensa é a experiência absoluta transcendental, a experiência do “eu puro”, que recupera seu caráter absoluto através da exclusão da contingência mundana. O “eu puro” é a subjetividade transcendental que configura o mundo objetivamente.

Entretanto, em suas últimas obras, como a “*Krisis*”, Husserl preconiza o retorno ao *Lebenswelt*, com a preocupação de não desligar o sujeito transcendental de sua experiência originária, a qual inclui a experiência do eu-corpóreo situado espaciotemporalmente no mundo. A experiência absoluta coincide com a experiência pura, originária, antepredicativa. A experiência absoluta considera as vivências subjetivas não tematizadas.

### **O Pré-categorial em Husserl**

Na sua obra “*Krisis*”, Husserl faz uma leitura da história do pensamento moderno, a partir do ponto de vista da fenomenologia. No início da modernidade surge a idéia de uma ciência universal sobre o infinito, posteriormente desmembrada em ciências particulares que perdem a conexão com a filosofia. Segundo Husserl, o erro do pensamento moderno foi ter contraposto dois âmbitos, o ser objetivo e o da consciência, ao invés de englobá-los numa experiência única.

Husserl, então, propõe a fenomenologia como forma de superar a crise das ciências. Esse novo método de percepção do mundo e da subjetividade poderia retornar do objetivismo científico ao mundo natural da vida. Esta recuperação do mundo da vida vai recolocar a questão do saber a partir da experiência original e pré-científica.

Parece que Husserl refaz sua concepção de evidência ou apoditicidade ao concebê-la já dentro do mundo da vida, como diz Gómez-Heras, “o mundo vital é de caráter intuitivo pré-dado e originário. O lógico-objetivo carece de evidência e é derivado (...). O mundo da vida, mundo da experiência absoluta, constitui este âmbito apriorístico, pré-lógico universal sobre cujas evidências se constrói todo o conhecimento”<sup>2</sup>.

Uma das implicações decorrentes do retorno da fenomenologia ao mundo da experiência é a recuperação do corpo como instância participante da atividade da consciência. A atividade corpórea também constitui a vivência do mundo. Esta leitura do momento pré-categorial em Husserl tem seu ponto de partida já em Merleau-Ponty, na obra “*O Filósofo e sua Sombra*”. Merleau-Ponty retoma a questão da constituição em Husserl explorando o que está “impensado” no impasse husserliano da constituição transcendental. Ele acredita que Husserl encontrou contradições em sua redução fenomenológica que, de um lado, ultrapassa a atitude natural, mas, de outro, a redução conservaria inteiro o mundo da atitude natural: “como dissera nas ‘Ideen I’, refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele”<sup>3</sup>.

A partir das “Ideen” haveria no próprio Husserl, segundo Merleau-Ponty, uma nova maneira de conceber a reflexão, que seria algo referente ao relacionamento natural do sujeito com o mundo, uma reflexão que se pressupõe nas coisas e que está

---

2 GÓMEZ-HERAS, J.M.C. **El Apriori del Mundo de la Vida**, Barcelona: Editorial Anthropos, 1989, p. 218.

3 Husserl citado por Merleau-Ponty, IN: **O Filósofo e sua Sombra**, São Paulo: Nova Cultural, 1989, p.191.

próxima de si mesma. “Husserl redescobre o sensível como forma universal do ser bruto. O sensível não é feito somente de coisas. É feito também de tudo o que nelas se desenha, mesmo no oco dos intervalos, tudo o que nelas deixa vestígio, tudo o que nelas figura, mesmo a título de distância e como uma certa ausência” 4. Esta interpretação dá margem a pensarmos que no próprio Husserl está presente a noção de racionalidade que, mais tarde, Merleau-Ponty desenvolverá, o que chamamos de racionalidade sensível.

### O Pré-categorial em Merleau-Ponty

Husserl havia proposto, nas *Ideen I*, a possibilidade da mundanização e auto-objetivação da consciência, isto foi decisivo para a fenomenologia de Merleau-Ponty. Husserl perguntava sobre a possibilidade de uma consciência absoluta sair de sua imanência e entrar no mundo, ao que assim responde: “somente por sua relação empírica com o corpo se converte a consciência em realmente humana ou animal, e somente por este meio ocupa um lugar no espaço e no tempo da natureza - no tempo que se mede fisicamente. (...) Somente mediante o enlace da consciência e do corpo numa unidade intuitivo-empírica natural, é possível algo assim como uma compreensão mútua entre os seres animados pertencentes ao mesmo mundo, e somente por este meio pode cada sujeito cognoscente encontrar-se com o mundo em sua plenitude, consigo mesmo e com os outros sujeitos, e, por sua vez, reconhecer nele um mesmo mundo circundante, comum a ele e a todos os demais sujeitos” 5.

---

4 idem, op.cit., p.200.

5 HUSSERL, E. **Ideas Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica**, México:Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 126.

Merleau-Ponty assume a questão da relação entre a imanência e a transcendência, o que em Husserl passa apenas numa abordagem metodológica do conceito de intencionalidade. Mesmo que Husserl dê ao método prioridade, não se pode, entretanto, ignorar a existência de questões ontológicas pertinentes à sua base. E foi a partir das *Ideen* que Husserl começou a introduzir elementos ontológicos que, de alguma forma, amenizavam os paradoxos aos quais sua análise estritamente metodológica conduzia como, por exemplo, o solipsismo da consciência absoluta. A partir de então ele mostra o horizonte onde a consciência intencional abre a possibilidade da vida inteligível. Neste horizonte, o corpo seria a instância da consciência intencional que marcaria a co-implicação da vida intencional com o próprio mundo.

Diferentemente da concepção humanista, para Husserl o mundo não era o das unidades objetivas. Para a intencionalidade da consciência, lançada ao mundo da vida, o corpo e o mundo são absolutamente idênticos aos vividos da consciência. O antepredicativo entrou na filosofia de Husserl pela noção de intencionalidade, noção fundamental da fenomenologia. Husserl admitiu dois tipos diferentes de intencionalidade, uma intencionalidade operante, pertencente ao corpo; e a intencionalidade em ato, pertencente à consciência tética.

A problemática, em Merleau-Ponty, do corpo-sujeito (sujeito encarnado) situava-se próxima da questão da intencionalidade operante ou latente, de Husserl, entendida como constituição que não provém da apreensão de um conteúdo como modelo de uma essência. Para Merleau-Ponty, o caráter pré-objetivo, que caracteriza a intencionalidade operante, não implicava apenas um momento anterior implícito às operações téticas da consciência absoluta. Ele privilegia a intencionalidade operante pois o corpo não apenas enraíza a consciência no mundo, respondendo à exigência de um fundamento ontológico, como

também é o lugar da consciência, onde ela se estrutura de modo operante.

Além do horizonte metodológico de Husserl, Merleau-Ponty pretende imergir na perspectiva originária do estado nascente da reflexão, a qual capta as características tácitas e que não se deixam apreender totalmente, aliás, manifestam-se silenciosamente sob a motricidade e a expressão do corpo.

Merleau-Ponty insiste numa volta à experiência perceptiva, na “*Fenomenologia da Percepção*”, pois, segundo ele, a percepção real e a lógica vivida, com as quais se instaura nosso acesso ao mundo, foram esquecidas pela filosofia tradicional. É na percepção que surge a significação fundamental como verdade implícita da existência. É esta significação que guiará todo conhecimento e a reflexão. Caso se esqueça da percepção, a realidade torna-se desvirtuada. Pois a reflexão está ligada a algo de irrefletido, que é seu lado existencial, histórico, natural. Perceber é, pois, uma atitude que se opõe ao representar ou instaurar um conhecimento objetivo. A percepção como reflexão radical, que considera o existencial irrefletido, inaugura um sentido que se encontra enraizado histórica e culturalmente no mundo.

Foi para fundamentar uma nova forma de olhar este mistério da vida perceptiva, em que o sujeito que conhece está mergulhado em sua facticidade, é que Merleau-Ponty vai desenvolver uma outra forma de refletir, uma outra metodologia para conhecer. Por isso o retorno à experiência perceptiva, ao oculto, ao irrefletido, o que implica um retorno concomitante à experiência da reflexão, à experiência do pensamento.

A adesão de Merleau-Ponty à fenomenologia surge a partir da necessidade de um retorno ao fenômeno da percepção, entendendo-se por fenômeno um modo de aparecer anterior à tematização da consciência, ou seja, o que é vivido antes de ser tematizado.

A experiência perceptiva tornou-se fundamento de uma fenomenologia que pôs em questão a atividade de percepção, tal como era abordada na concepção de comportamento que adotaram a psicologia e a filosofia clássicas. O diálogo constante com a psicologia teve como objetivo elaborar uma filosofia “concreta”, que não se afastasse da vida como tal.

Em “*A Estrutura do Comportamento*”, Merleau-Ponty parte da concepção de comportamento da psicologia científica, representada pelo behaviorismo e reflexologia, fazendo uma crítica à redução do corpo à dimensão de objeto. O ponto de vista objetivo, no qual fundamenta-se esta psicologia empirista, deturpa o fenômeno do comportamento, concebendo-o como pura exterioridade, e relacionando estímulo e resposta num movimento de causalidade mecânica. O empirismo fundamenta a experiência perceptiva utilizando o mecanismo explicativo, ou seja, ao explicar a percepção, parte de unidades atômicas (sensações isoladas) e a reconstrói por meio de associações entre estas unidades. a percepção decorre, assim, da noção de sensação, sendo esta considerada como pura impressão ou qualidade do objeto.

A crítica de Merleau-Ponty ao intelectualismo, por sua vez, refere-se à redução da vida perceptiva a uma camada conceitualizada, constituída como abstrata e universal, prescindindo do movimento originário de sua própria constituição. O conceito é uma abstração que limita a singularidade concreta da vida perceptiva.

A percepção no intelectualismo é pensamento de perceber. Para este, os momentos empíricos da percepção não têm relevância para a constituição do conhecimento. O fato de irmos ao mundo e encontrarmos-nos com situações concretas não lhe diz respeito, posto que, para esta concepção, a consciência da realidade já está pressuposta em um entendimento “claro e distinto” (critério cartesiano).

Tendo como base a filosofia cartesiana que divide “res cogitans” e “res extensa”, a análise reflexiva baseia-se num pensamento que está acima de toda a experiência e além dos conteúdos dados na percepção sensível, pois pretende determinar o conhecimento do mundo a partir de um sujeito pensante. A partir disso, a experiência do corpo é reduzida à representação, à idéia de comportamento enquanto fato psíquico.

A fenomenologia de Merleau-Ponty pretende assegurar a descrição do campo de significação originário. Apresenta, para tanto, o corpo como fenômeno ou corpo-próprio, que possibilita a atividade perceptiva e intencional da consciência. O corpo próprio ou corpo sujeito seria o mediador de uma dialética vivida, que conteria, ao mesmo tempo, as características da consciência - sem ser meramente constituinte, mas intencional e perceptiva - , e do corpo, enquanto o que se manifesta e é suscetível à tematização. Ao afirmar que a experiência do corpo próprio nos revela um modo de existência ambíguo, Merleau-Ponty pretende superar o dualismo cartesiano (corpo/alma), através de uma terceira instância vivida pelo corpo como sujeito pensante e sujeito corpóreo.

É com base no corpo sujeito que nasce a fenomenologia descritiva da percepção. A percepção corporal foi uma das chaves para superar a filosofia humanista, que destaca o sujeito do mundo da vida para estabelecer uma relação de conhecimento. A percepção é abertura primeira ao objeto, antes da consciência constituinte. A percepção primordial distingue-se da percepção empírica porque implica uma estrutura transcendental. E transcendental é o horizonte vivido da experiência perceptiva, campo fundante da racionalidade, o qual é ambíguo por fundir os pólos opostos de sujeito e objeto. Transcender é viver nas coisas e nas idéias como seres culturais, sem precisar pensar-nos como seres transcendentais. É instalar-se no mundo das coisas com nossa existência intencional.

Houve assim uma reelaboração do discurso filosófico embasado numa nova noção de pensamento. O pensamento, diferente de uma atitude objetiva de conhecimento, tem suas raízes na atividade do corpo no mundo da vida (*Lebenswelt*), e, por este caráter de imanência ao mundo, tem sua origem na reflexão sensível.

A fenomenologia da percepção renuncia à capacidade constitutiva da consciência para fundar uma reflexão sobre as próprias condições da reflexão (reflexão da reflexão ou reflexão radical). Esta reflexão radical, ao contrário das análises intelectualista e empirista, não é transparente, mas se dá na experiência, abrangendo o caráter irrefletido que se oculta em uma facticidade que não pode ser negada e que, no entanto, não se revela totalmente.

O sujeito da reflexão radical na fenomenologia, portanto, é o sujeito que está situado no campo transcendental vivido (*Lebenswelt*), participando desta experiência fundante. E o Cogito deste sujeito também é mundano, ambíguo e participante da experiência em que está mergulhado o sujeito. O Cogito, então, antes de ser uma elaboração objetiva, é vivido, situado no mundo: um Cogito Tácito.

O Cogito, para Merleau-Ponty, diferencia-se do Cogito cartesiano, que tem uma perspectiva de universalização e destaca o sujeito do mundo contingente, concreto; e, também, disitngue-se do Cogito puro de Husserl, na medida em que este não possibilita a expressão originária com o Outro.

O Cogito Tácito vai implicar a intencionalidade que deve instaurar a consciência e o mundo num mesmo plano, ao invés de constituir um horizonte puro, como na fenomenologia transcendental de Husserl. Também este Cogito Tácito deverá realizar uma redução transcendental, não no sentido de buscar essências fechadas numa consciência, mas de encaminhar-se à

origem da reflexão, que supõe a experiência perceptiva, o mundo vivido.

Merleau-Ponty propõe, então, não partir de pressupostos para chegar à experiência, mas sim da própria relação existencial onde se compreende a antinomia sujeito-objeto. É nesta experiência primordial que engendra-se a racionalidade como um “Logos em estado nascente”.

### **A Racionalidade Sensível**

A racionalidade sensível caracteriza-se por ser o âmbito onde se dá o processo originário do conhecimento, é o horizonte do impensado, do pré-reflexivo, da racionalidade vivida. A essência ou o sentido originário dos fenômenos encontra-se imbricado neste mundo da vivência sensível.

O Ego da filosofia de Husserl transforma-se em corpo sujeito da experiência perceptiva, na fenomenologia de Merleau-Ponty; o Cogito reflexivo é agora o Cogito tácito do mundo; a redução transcendental da consciência intencional é a reflexão radical do corpo sujeito. O corpo é o elemento que resgata o plano ontológico no qual se origina o estatuto da relação originária da experiência perceptiva, do Cogito tácito.

O Cogito implícito, tácito, envolve o âmbito irrefletido, pré-reflexivo da reflexão, isto é, a racionalidade nascente (logos do mundo estético), que não se iguala ao estágio irracional. Se a origem primordial que antecede o processo racional fosse da ordem do irracional, nunca sair-se-ia do âmbito irrefletido; e se, por outro lado, o irrefletido fizesse parte da racionalidade objetiva, não encontrar-se-ia na razão mais que essências transparentes, no sentido de conceitos claros.

A racionalidade sensível é, pois, o momento nascente da razão, que envolve o fato de o Cogito estar situado no mundo

através do corpo. Este âmbito da racionalidade não comporta um desvelamento total, porque o irrefletido não se diz explicitamente. O Logos em estado nascente contém um silêncio que envolve a relação da linguagem com o sujeito que a engendra. Como conseqüência desta relação no âmbito existencial, a consciência e o conhecimento do mundo nascem na relação sensível do pensar e do expressar. Quando Merleau-Ponty afirma que é necessário primeiro colocar o pensamento ao nível da expressão, ele refere-se à necessidade de retirar, num primeiro momento, o poder constituinte que a análise reflexiva concedeu ao pensar. Não havendo, assim, um sujeito absoluto que estabeleça um saber positivo sobre o mundo, a sua consciência não será primeiramente constituinte, mas um Cogito engajado no mundo sensível. Conseqüentemente, pode-se ter consciência de que o pensamento é um ato expressivo, vivido no mundo. O Cogito vivido, tácito, não constitui o mundo, ele o vive, o percebe e o fala.

Quando Merleau-Ponty identifica o corpo com a obra de arte, mostra que a atividade de expressão é característica da intencionalidade de uma consciência encarnada. A expressão é a manifestação da intencionalidade do corpo no mundo vivido, um modo de ver e de viver o mundo.

A intencionalidade como possibilidade da expressão “objetivada” da subjetividade denota a experiência única da interação com o mundo, do mundo para com cada indivíduo específico, fazendo interagir reflexivamente a identidade própria de cada um e expressando uma forma específica do criar humano pelo estilo. A intencionalidade é o meio de haver o retorno do objeto sobre a consciência do sujeito - como modo único de viver o mundo, pois há uma marca própria da subjetividade (estilo), é um carregar para dentro de si cada coisa com o jeito particular do indivíduo: um processo permanente de construção da consciência de si e, simultaneamente, do mundo.

## Bibliografia

- BERGERON**, André. *La Conscience Engagée dans le Regime des Significations Selon Merleau-Ponty*. IN: Dialogue. 1966(5).
- BORNHEIM**, Gerd. *Fenomenologia e Causalidade em Merleau-Ponty*. IN: Revista Brasileira de Filosofia, 75 (1969).
- CERIOTTO**, Carlos. *Lenguaje y Reflexión según Merleau-Ponty*. IN: Philosophia, 29 (1964).
- DIAS**, Isabel Matos. *Elogio do Sensível-Corpo e Reflexão em Merleau-Ponty*. Lisboa, Litoral Edições, 1989.
- GOMEZ-HERAS**, J. M. G. *El Apriori del Mundo de la Vida*. Barcelona, Anthropos, 1989.
- HUSSERL**, E. *Méditations Cartésiennes*. Paris, Vrin, 1969.
- \_\_\_\_\_. *La Crise de L'Humanité Européenne et la Philosophie*. Ed. Bilingue, Aubier, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A Idéia da Fenomenologia*. Lisboa. Ed.70, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A Filosofia como Ciência de Rigor*. Coimbra, Atlântida, 1965.
- MERLEAU-PONTY**, M.A. *Estrutura do Comportamento*. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro. Freitas Bastos, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Le Primat de la Perception et ses Conséquences Philosophiques*. Dijion, Cynara, 1989.
- \_\_\_\_\_. *L'Oeil et L'Esprit*. Paris, Gallimard, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Filósofo e sua Sombra*. IN:Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultura, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Le Visible et L'Invisible*. Paris, Gallimard, 1964.